



Um quadro de Almada Negreiros («Fernando Pessoa») na sala de leitura da Biblioteca da Gulbenkian

A Fundação Gulbenkian e o futuro

Folhetim artístico

de José-Augusto França



A BRIU ESTA TEMPORADA de 1969-70 com um acontecimento especialmente importante: a inauguração da sede da Fundação Gulbenkian. Doze anos após o início das suas actividades, esta instituição pode apresentar-se numa forma definida — mas não, certamente, definitiva, porque o dinamismo da sua própria acção, sem dúvida, determinará, mais tarde, junto do actual edifício, ou algures, novos edifícios e instalações.

O que agora se inaugurou constitui imediatamente um elemento de valor dentro do quadro urbanístico de Lisboa, já massacrado de arranha-céus «modernos» — massa arquitectónica bem articulada e bem implantada no parque de Santa Gertrudes, guardando a sua calma mancha verde no meio de uma das zonas mais enervadas (e mais envendadas) da cidade.

Sede e museu, museu e biblioteca, biblioteca e sala de exposições, e anfiteatro e salas de concertos e de reunião — o complexo da Fundação processa-se segundo um programa arquitectónico excelentemente resolvido.

Mas este programa é completado pela encomenda de obras nele integráveis — e logo por dois trabalhos notáveis, que se correspondem historicamente: o painel «emblemático» de Almada Negreiros e o painel «objectual» de Artur Roca. Deles (e do resultado das outras encomendas) algures me ocuparei, com maior vagar crítico. Fique aqui simples apontamento de folhetim — alargado já à exposição simultânea de obras adquiridas, com as Vleiras da Silva e os Amadeos de Souza-Cardoso, que agora, e só assim, se podem ver em Lisboa. A escolha das suas obras é exemplar — e boa é, também, a escolha das que as acompanham, de pintores nacionais, desde Viana a Vasco Costa, curiosamente (e não por acaso) filhos ou netos da mesma família palpavelmente sensual.

Depois, há o museu, ou a «collecção» Gulbenkian, recolta de «connoisseurs» bem informado, sensível e inteligente, capaz de se aproximar por uma moeda de Naxos ou por um Rubens, por uma estatuetta egípcia, tanto quanto por uma jóia de Lalique ou por um quadro de Renoir. Ou pela «Diana» de Houdon — admiravelmente mostrada, e mármore todo palpante de carne, por reflexo rosado do fundo de pedra.

... **I**STO o que está, adquirido e certo — pedras e cimento, telas e mármore, livros, cadeiras e palcos... Para além disto, instrumentos de trabalho indispensáveis, definir-se-á, po-

rém, o trabalho da Fundação, neste futuro que nos é quase que milagrosamente prometido.

A Fundação Gulbenkian assumiu um compromisso cultural na vida da Nação — e vai-o cumprido, conjunturalmente, através dos seus departamentos. Nas Artes Visuais também, com certeza, o seu empenho é grande, como o prova alguma da obra já realizada — mas também aqui mais conta o futuro que o passado.

Que futuro?

Pensar uma resposta é pensar num programa, que só programaticamente é possível hoje tomar qualquer responsabilidade. Grave problema para Portugueses, de sua natureza empíricos, e para uma instituição portuguesa.

SE, numa fase preparatória, a Fundação Gulbenkian agiu, muitas vezes acertadamente, ao sabor de circunstâncias aceites, entrando agora numa fase que a existência das suas instalações justifica, parece apropriado que as circunstâncias passem a ser comandadas por ela, através de planos, projectos, esquemas, organigramas — de um *programa cultural*, em suma e enfim.

Dum programa de que façam parte conjuntos de actividades pedagógicas directas ou indirectas, sequências de exposições, articulação de publicações, relações planeadas, com um estrangeiro que não pode mais ser tomado como Estrangeiro neste terço final do século XX, definido comumente em todos os campos da actividade humana — e atada mais nos das ciências do homem e suas artes.

... **E** **TAMBÉM** um largo e profundo inquérito sobre a *situação da vida artística nacional*, nas suas posições de produção e de consumo. Há que investigar as condições do «facto artístico» em Portugal antes de se proceder a toda e qualquer acção reformadora. Nenhuma outra instituição poderá levar a cabo este trabalho primordial. Querendo-o fazer, com as equipas necessárias, e com o fôlego que a seriedade da empresa exige — esta Fundação poderosa, devidamente instalada agora, contribuirá não só para a correcção de muito que está errado neste domínio, como, também, para uma *alteração dos hábitos, dos processos e dos esquemas mentais do País*.

ISSO mesmo, neste exacto momento, é de esperar da Fundação Gulbenkian.